

**Tato Taborda:**

## **Chico Mello** <sup>1</sup>

Conheci Chico Mello em 1979 em São João Del Rei, em uma das edições brasileiras dos Cursos Latinoamericanos de Música Contemporânea. A primeira lembrança é a de Chico tocando bossanova em um boteco pós curso. Apesar do figurino de moço sério (na época o doutor Chico concluía o curso de medicina) ele tocava e cantava pérolas de Jobim e Noel com uma alegria e humor tão leves quanto finos. A empatia, imediata, só fez alargar e aprofundar com o passar do tempo, recheada de conversas de envergadura longa, deliciosas sessões de improvisação que chamávamos “ragas” e múltiplos encontros, quase sempre em cidades diferentes, seguindo o rastro do professor e compositor alemão brasileríssimo H. J. Koellreutter, a quem perseguíamos Brasil afora.

Segundo o compositor uruguaio Coriún Aharonián, coordenador do curso, aquele foi o ato inaugural da criação da Escola de Curitiba (que, ao contrário de outras, mais prolíficas, tem apenas dois integrantes). Daqui, com a perspectiva privilegiada que só a metade de uma escola contemplando a outra dá, vejo o quanto Chico foi longe e fundo nessa aventura de criar e desfazer sentido com sons, pausas (e gestos). Mais fascinante ainda é ver como as questões da existência, da vida do Chico, atravessaram o tecido da arte de forma tão fluida e natural, digeridas e transmutadas por um organismo de-compositor com curiosidade e deslimites de criança e inquietudes de gente grande. Aquelas bossanovas, por exemplo, foram sendo desarticuladas ao nível do átomo, recombinaadas em outras moléculas, emprenhadas de silêncio, resignificadas a cada vez que cruzavam de forma deliciosamente irresponsável as fronteiras entre a nota e o ruído, arbítrio e acaso, som e gesto, afeto e razão.

A ida de Chico para Berlim a partir de 1987 atrás de outro mestre, Dieter Schnebel, gerou uma espiral de efeitos em sua obra. Primeiro, pelo terreno fértil e interlocutores precisos para as suas sementes delicadas, em seguida pela necessidade de, em uma cidade radicalmente cosmopolita e supranacional, cultivar vínculos de identidade para suportar o distanciamento. Nos primeiros anos o ganhapão vinha de tocar MPB em clubes noturnos. Dali vieram grande parte dos materiais de vínculo, como tiras recortadas ao acaso de uma linha melódica de canção, uma síncope, um tempo fraco de surdo de marcação, um samba caixinha de fósforo, um timbre esganiçado de uma incelença do Cariri, uma pausa (de mil compassos), um ronco de cuíca, um breque de samba ou um refolejo de sanfona.

Essas partículas, descontextualizadas, mas respeitadas em sua natureza anímica e material, transformam-se em peças móveis de um jogo de armar absolutamente vivo e metucioso que, longe de uma abordagem racionalista, que as trituraria em um caldo tão pastoso quanto vaidoso, leva à máxima potência os signos de que cada uma dessas partículas é portadora.

---

<sup>1</sup> Texto que acompanha os três CDs “Chico Mello, 20 anos entre janelas. música experimental de 1987 a 2007”.

De Cage (via Schnebel) Chico herdou o respeito silencioso e disciplinado ao método, sempre novo para cada peça, como devem ser diferentes as ferramentas para diferentes fins. Tudo isso com um sentido de humor, categoria alta da inteligência, fino e leve como há 30 anos atrás, na roda do boteco mineiro. A multiculturalidade da cena berlinense e o sentimento de desterritorialização que a vida dividida entre Brasil e Alemanha trouxe converteram-se, também, em alimento. No caso da obra de Chico, a relação com o outro, com a cultura do outro, não se dá por apropriação/digestão, mas por diálogo. Em obras que promovem esse diálogo transcultural como *Upitu*, *Todo Canto*, *Cocar*, *Hui Liu* e *da minha janela*, nada deixa de ser o que é e, ao mesmo tempo, por processos de fragmentação, edição, superposição ou mesmo, como ele diz, "autoetnologia", os distancia de seu lugar original e nos despacha a um outro andar, onde os códigos se pulverizam e todas as conversas são possíveis, com os outros de fora e os de dentro.

Escutar a obra original e sutil de Chico, além do efeito restaurador da fé na composição como um jogo de faz de conta onde tudo pode, deixa claro que música, antes de ser organização de sons, é organização do pensamento que pode, inclusive, se expressar em sons. A música paradoxalmente livre e rigorosa de Chico toca dentro de nós cordas muito delicadas e, principalmente, não teme a vertigem de se aproximar da fronteira que separa a lógica da arte da não lógica daquilo que nos rodeia, que insiste em continuar existindo à revelia de nossos desejos de controle.

Rio de Janeiro, março de 2011.